

ENSINO DE LÍNGUA PORTUESA: CONCEPÇÕES E REFLEXÕES.

SANTOS, Flávio Fonseca.

flavioyes@bol.com.br

OLIVEIRA, Nádía Maria de.(Orientadora)

Graduada em Licenciatura Plena-Português, Especialista em Tecnologia Educacional,
Professora do curso de Letras da Universidade Tiradentes-Unit.

RESUMO

Este texto faz uma reflexão de como está sendo trabalhado o ensino de língua portuguesa, e principalmente como a gramática está sendo utilizada nos dias atuais. Nele, o leitor observará como ela está inserida nas escolas e qual o seu verdadeiro papel na sala de aula. Nesta pesquisa será exposta a importância da gramática para o ensino de língua e como também será mostrado como ela deve ser trabalhada diariamente pelo professor, a fim de que obtenha um resultado totalmente positivo. Será apresentada uma maneira de se ensinar à língua, de uma forma clara e proveitosa, a qual promova a interação e integração entre os alunos, objetivando e facilitando a compreensão dos conteúdos curriculares. Assim, colocando o verdadeiro objetivo de se ensinar língua portuguesa, que é o de esclarecer, conceituar, refletir, a forma que os falantes falam, e sucessivamente se comunicam.

Todos sabem da importância da educação para todos os seres humanos, já que é ela quem proporciona o desenvolvimento do ser humano, na conjuntura a qual este inserido. É ela quem faz com que cada ser interaja de forma coerente e racional diante das situações que lhes são impostas e cobradas. É através da educação que a pessoa vai definir e desempenhar um papel na sociedade, como também exercer sua cidadania e prestar seus serviços sociais remunerados.

Partindo desse pressuposto, é notório ressaltar que muitas pessoas sentem dificuldades de ensinar nas suas respectivas disciplinas por diversos motivos. Um deles é a rejeição transmitida pelos alunos, devido ao fato de não gostarem da disciplina. No caso da língua “portuguesa”, o professor sofre porque os alunos consideram, uma das disciplinas chatas, tradicionais e difíceis. O que acarreta tudo isso, talvez seja o ensino de gramática que muita gente (alunos) detesta, com justa razão ou não, acabam não gostando da própria língua materna.

Analisando essas considerações, é preciso questionar, refletir, analisar, e avaliar como foi e como está sendo o ensino de gramática nas escolas atualmente. É notável que muitos professores de língua portuguesa costumam trabalhar de forma tradicional colocando a gramática como ponto principal na sala de aula. Portanto, com essas imposições nos pais, alunos e até professores, enfim a sociedade em geral legitima-se a gramática normativa como a “bíblia” do português a ser seguido, não percebendo, que existem outros tópicos importantíssimos a serem tratados na sala de aula.

Ao tratar desta polêmica de gramática, é necessário que se conheça o conceito que se tem da mesma. Segundo o dicionário da língua portuguesa de BIDERMAN (1998), “gramática é a descrição completa da língua, ou seja, dos princípios de organização da língua; conjunto de regras de combinação de elementos da língua”, ou seja, é a maneira pela qual uma língua, seja lá qual for, é organizada e estabelecida para que os falantes interajam, compreendam e se comuniquem uns com os outros de maneira correta. Percebe-se que o conceito de gramática é

compreendido de umas formas abrangentes, gerais, não fundamentando exatamente como deve ser o uso e sua significação no dia a dia.

Primeiramente busca-se mostrar a importância da gramática na vida das pessoas, segundo TRAVLAGLIA (2003), a gramática tem total relação com a qualidade de vida de todos os seres, ela interage no dia a dia de cada um, dando principio de postura diante da nossa sociedade. Sabendo-se da importância da gramática ele afirma que “Sem dúvida a gramática tem a ver com a qualidade de vida, pois quanto mais recursos, mecanismos, estratégia da língua o usuário domina, melhor desempenho lingüístico terá”.

Assim, o falante, quanto mais argumentos, mais força de persuasão possuir, mais ele se destacará na sociedade e atingirá seus objetivos mais facilmente, mas para isto é necessário que domine seus recursos lingüísticos.

Observando a necessidade de compreender-se e valorizar o ensino gramatical procurar-se enfatizar o porque de ensinar teoria gramatical nas escolas. Portanto, TRAVAGLIA (2003, 78) afirma que se tem que objetivar metas e a primeira delas é: “Conseguir que os alunos tenham mais conhecimento da língua. No segundo caso têm-se as finalidades de ensinar a teoria gramatical ou lingüística (atividade de gramática teórica), formando analista da língua”, enfim, o objetivo maior é permitir que os alunos possam fazer parte e compreender os princípios da língua, para que os mesmos possam analisá-las e possam promover a comunicação lingüística de maneira correta entre os interlocutores.

TRAVLAGLIA (2003) teceu alguns comentários a respeito do ensino de gramática (teoria gramatical ou lingüística), para ele, os professores na sala de aula devem considerar os seguintes aspectos “(a) O quanto ensinar, b) O que ensinar, c) Fundamentalmente, para que ensinar teoria gramatical e lingüística”. Contudo, levando em consideração esses três pontos,

percebe-se que antes de tudo, o professor de língua portuguesa deve medir, analisar, principalmente, mostrar a seus alunos a importância da gramática nas aulas de língua.

Ao começar tendo esse pensamento, o professor necessita estar dominando toda a teoria gramatical, para que possa propor atividades favoráveis que obtenham não só resultado de nota, mas sim promover a compreensão e conseqüentemente, deve estar ciente da organização dos conteúdos da língua.

Porém é preciso entender como está sendo o ensino de gramática nas escolas de ensino fundamental e médio no Brasil, pois é notório, que muitos dos alunos não gostam das aulas de português e em especial da gramática. São muitas as razões que os alunos alegam a respeito desta, que quase ninguém a entende e não sabe qual a sua principal função e relação de importância na sala de aula, e por isso, sabe-se que as dificuldades dos mestres são enormes em ensinar a língua materna e suas estruturas.

Sempre o ensino da gramática tem sido de forma tradicional, ou melhor, trabalhando as regras, expondo as normas, e naturalmente cobrando o que foi dado em sala de aula. Reforçando tudo isso TRAVLAGLA (2003) afirma que “o ensino de gramática em nossas escolas tem sido primordialmente prescritivo, apegando-se as regras de gramática normativa que são estabelecidas de acordo com a tradição literária clássica”. Portanto percebe-se que mesmo com muitas concepções, muito trabalho e artigos, que fortalecem o mau ensino do português de uma forma gramatical, muitos professores ainda continuam trabalhando da mesma forma, sem se preocupar com a produção e o entendimento dos alunos diante de textos, de anúncio, de jornais, revistas, diante de livros, e tudo que lhes são oferecidos.

Assim o professor enquanto educa, necessita proporcionar a seus alunos uma nova maneira de passar os conteúdos para que eles possam entender e sucessivamente trabalharem e

praticarem com segurança a sua própria língua, a qual eles têm a total consciência de que estudam a que falam.

São muitas as dificuldades que cercam o professor de língua portuguesa a respeito do ensino de gramática, deixando-os confusos, atordoados, sem direção para poderem trabalhar na sala de aula. Muitos docentes se preocupam com o que deve fazer quando estão trabalhando o português, chegando a se perguntarem “que gramática estudar na escola?” e como seguir diante de tais dificuldades .

Todos sabem que a gramática tradicional é simplesmente conhecida como a gramática normativa, aquela que trabalha as regras, que é utilizada atualmente pelos professores e que não é aceita facilmente pelos alunos e pela maioria da população. Porém lembrando que muitos não gostam muito pelo motivo de ela ser trabalhada de forma imposta, sem defini-la para que serve e sem mostrar sua funcionalidade real. Observando tudo isso, percebe-se que é necessário que se desenvolvam trabalhos voltados para o ensino do português, definindo-o de forma clara e objetiva o seu papel na vida dos falantes.

Todos sabem que quando criança começa a pronunciar as primeiras sílabas, e conseqüentemente as palavras; Quando a criança já entende o mundo a sua volta e começa a formular frases, estas que não ficam de maneira incoerente, porém não claras, e nem sendo condizentes com a gramática, percebe-se que mesmo assim, todas elas possuem a gramática internalizada espontaneamente, adquirida na vivência do dia a dia, por estarem ao lado das pessoas que a rodeiam e se comunicam. Para fortalecer isso NEVES afirma que “qualquer falante nativo da língua é competente para produzir e entender enunciados dessa língua , num amadurecimento natural”(2004:79), portanto cada falante vai aprimorando no decorrer do tempo e nas suas experiências lingüísticas, diária.

É relevante saber que é preciso, entender como a gramática faz parte de nosso dia a dia, como é utilizada sem perceber, de forma espontânea, instantânea, simples e quase correta, sendo assim NEVES ressalta que:

“Cada indivíduo de uma comunidade lingüística tem natural conhecimento de sua língua materna e põe em uso esse conhecimento nas mais diversas situações, numa simples ligação entre cognitivos e linguagem, isto é, em decorrência, simplesmente de a linguagem ser uma das manifestações da mente (2004:800)”.

Isso remete a idéia de que cada indivíduo na sua vivência, prática, utiliza as normas impostas pela gramática de forma natural, clara, comum, entendida por seus locutores.

Sabendo-se que os nativos e os não nativos de uma língua, que vivem expostos a ela, sem perceber de forma “imposta”, adquire e a utilizam as normas conceituadas pela gramática, entendem-se que ela não é algo de estranho, e sim um livro como qualquer outro, que vem somente para esclarecer e justificar algo que todos falam. Tendo esse conhecimento de que todos os falantes ao ingressar na escola, não desenvolvem parte da oralidade, como deveria ser somente enfatiza a parte escrita; Seria porque a fala não é tão importante quanto a escrita? Pensando assim, busca-se entender o porque desta dicotomia.

Tendo a verdadeira consciência de que a população em geral e as escolas em especial e praticam diariamente à parte da oralidade executando, impondo e cobrando somente a linguagem-padrão, ou seja, aquela que as classes dominantes, que os gramáticos e os professores cobram e legitimam, diariamente a seus alunos.

NEVES (2004) afirma que o ato de ler e escrever acima de tudo, é um trabalho que é cobrado nas escolas, porém são atividades que pertencem à própria língua a qual o aluno está inserido e que a leitura quando ocorrer é tida como lazer, uma forma prazerosa de ler, livro, revistas, é até mesmos por necessidades diárias, para saber de informações, interessam a população e a tais leitores. A essas modalidades (escrita e fala) estar-se praticando a língua,

aprofundando assim o desempenho lingüístico, diariamente, e a escola como reprodutora do saber, proporcionando a todos os estudantes um desenvolvimento sócio – cultural e lingüístico totalmente positivo.

Os alunos, na sua maioria, sentem dificuldade na parte escrita, talvez pelo fato de que a parte oral não é cobrada, sendo que a escrita sim, e isso leva a crer que os alunos sintam medo, receio, ao serem cobrados, eles esquecem que a escrita é algo que também já sabem, e somente vão transcrever para o papel.

Todos têm a consciência de que a língua é parte da vida de cada pessoa, que ela é essencial para o ser humano; sendo assim, a escola possui um grande papel na sociedade, o de transmitir os conhecimento, de esclarecer como a língua é definida, como a língua é dinâmica e mútavel a todo instante. NEVES (2004) fala que LABOV (1974) prega e mostra que a criança, quando começa a aprender, a se comunicar, e sucessivamente a ler e a escrever, ela já possui sua gramática básica, não muda seu estilo, só adquire esta mudança quando exposto a um grupo social bem maior que o seu, por isso é importante ressaltar que a escola assume o papel social na vida social na vida do ser humano.

NEVES (2004) fala que “assim na fase inicial de aprendizado escolar da leitura, a criança aprende os usos, o dialeto de seu grupo, de amigos, mas não percebe o significado social das características da fala deles.”(2004:101), Isso leva as crer que a escola vai aprofundar esses conhecimentos que a criança adquire no seu convívio social diário.

Enfim, a escola e a gramática necessitam ficar unidas cada vez mais, no sentido de entendimento, esclarecimento de normas, princípios e usos; trabalhando assim a escrita e a fala diariamente, mostrando as suas importâncias, na vida de cada indivíduo. Para a autora língua falada e escrita é trabalhada na escola, apenas como um objeto “um instrumento de castração”

(2004; 108), especificando e enfocando somente a escrita. Para tentar compreender melhor esta dicotomia, a respeito da escola e da gramática NEVES faz a seguinte pergunta:

Não será uma boa lição para os professores de língua pátria o fato de que as crianças e os jovens detestam fazer redações que pedimos e, no entanto gostam tanto de entrar na linguagem da Internet, onde tão à vontade acionam com caracteres escritos, suas capacidades de usuário da língua?. Exatamente aquelas capacidades inatas que ignoramos quando submetemos a essa espécie de adestramento. (2004:109)

Portanto, os professores, na sua maioria, não reconhecem que o aluno enquanto conhecedor da sua língua é capaz de falar e, conseqüentemente, escrever.

Todos sabem que a gramática é um aparato para o ensino de língua pátria, sendo que ela é representada e vista como algo problemático, complicado e difícil de ser aceita pelos alunos, observando isso, deve-se buscar uma forma de entender e compreender a gramática na escola, como ela deve ser trabalhada rotineiramente. Qual a importância da língua padrão em nossas vidas, reconhece-se assim que a escola tem o papel fundamental de ensinar a língua-padrão, e de criar condições necessárias para que esta aprendizagem ocorra.

Muitos autores acham que não se deve aplicar e ensinar a gramática na escola, nem executar nenhum trabalho que esteja voltado para ela. POSSENTI (1996) mostra algumas considerações a respeito disso e como ela vem sendo trabalhada. Para ele a criança aprende com rapidez a língua e outras formas de falar, contanto que ela fique exposta de maneira constante a elas executando e utilizando-a com freqüência. Sendo assim, constata-se que não é necessário enfatizar gramática no ensino regular de forma totalmente central, para ele:

Saber falar significa saber uma língua, saber uma língua significa saber uma gramática. (Oportunamente, esclarecemos melhor alguns conceitos de gramática). Saber gramática não significa saber de cor algumas regras que se aprendem na escola, ou saber fazer algumas análises morfológicas e sintáticas. Mais profundo do que esse conhecimento é o conhecimento (intuitivo ou inconsciente) necessário para falar efetivamente (1996:30).

Trata-se de compreender mais uma vez que o falante, em especial as crianças, já sabem falar, mesmo não estudando, ela formula frases lógicas necessárias para falar e compreender a língua em que está inserida. POSSENTI (1996) afirma que os falantes, falam mais correto do que

pensa e ele diz que “não há nada mais de errado do que pensar que aqueles de quem se diz que falam errado falam tudo errado” (1996:42), ou seja, é percebido que existe um grande preconceito a cerca disso. Enfim com essas afirmações, ele argumenta a respeito do ensino de gramática que não deve ocorrer dessa maneira.

POSSENTI (1996) ainda apresenta argumentos que favorecem a utilização da gramática nas aulas de língua portuguesa, colocando e exibindo fundamentos concretos para que todos saibam da sua importância nas suas vidas. Assim, ele propõe conceitos que estão relacionados ao ensino gramatical. Para muitas pessoas, o ensino de língua é o mesmo que ensinar a gramática, contudo vale lembrar e perceber que ambas estão totalmente diferenciados, pois a língua, o falante já a possui, enquanto que a gramática apresenta-se de forma normativa, tradicionalista, lotada de regras que legitimam a língua do falante.

É imprescindível que a língua tem algo que a segure, que não a deixe solta e nem à mercê de muitos que não percebem a sua mudança e sua importância, e por isso, querem destruí-la ou transformá-la em algo diferenciado, sem princípios e ordem.

Muitos dos falantes detestam o uso da gramática porque acham difícil e por não conseguem entendê-la e compreendê-la, e não percebem a sua importância para a língua, começa a detestá-la e tentar descaracterizá-la e aboli-la totalmente das nossas escolas.

BAGNO (2003) encara a gramática tradicional como um suporte para as pessoas interagirem no âmbito político, social e administrativo, ou seja, ela é algo dar segurança ao diálogo, a conversação e a comunicação interativa. Ele classifica dois tipos de gramática, a tradicional e a normativa, ambas constituem respectivamente a ideologia e a materialização das idéias e princípios. Verificando a importância de se entender como acontece à aceitação da gramática pela sociedade, é necessário ressaltar que os falantes ao sofrerem rejeição por não

saber falar “correto” se recusam a se comunicarem, por se sentirem menores que os outros que falam corretamente, ou seja, dos que dominam a gramática normativa.

Em seu livro *Preconceito Lingüístico* ele considera e afirma que não existe preconceito da fala e sim o preconceito social que circundam todos os que falam “errado” segundo os gramatiqueros. Portanto percebe-se que há vários pressupostos a cerca de toda essa confusão lingüística e sócio-cultural. Em seu livro “a língua de Eulália” é mostrada uma análise profunda de que como a personagem sofre este preconceito devido a sua fala. Neste livro há uma verdadeira reflexão , sobre a linguagem própria de cada falante, que cada um fala do jeito que está inserido, que esta linguagem é fruto do meio no qual o ser está inserido e submetido. Ele considera que cada um tem a sua fala, sua maneira de se comunicar e entender, tudo da forma mais simples possível.

BAGNO afirma que “A Língua não é uma obstrução: muito pelo contrário, ela é tão concreta quanto os mesmos seres humanos de carne e osso que servem dela e dos quais ela é parte integrante” (2003:18). Ou seja, a língua é de total importância na vida de cada falante, porque todos necessitam dela nas situações diárias e momentâneas. Enfim para ele a língua não é algo claro transparente ela é algo turvo, confuso nas suas demais modalidades e preceitos; são por essas razões que ela é confundida, não aceita e desmerecida por muita gente”.

Sabe-se que a linguagem culta é aquela cobrada, estabelecida e livremente em jornais, na televisão, na internet, nos livros didáticos, na fala dos professores, nas escolas, nas gramáticas, enfim em tudo em que se deve usar a linguagem de forma (cult). Em reflexão ao que foi tratada, a língua, percebe-se, para que tudo isso seja ocorrido, existe algo que rege esta língua e isso é chamado de norma, esta que fundamenta e articula tudo que deve ser seguido, pelos falantes.

BAGNO (2003) cita a norma culta primeiramente como “senso comum, tradicional ou ideológica, e é aquela que tem maior circulação na sociedade”. (2003:43) e “norma culta se refere

à linguagem concretamente empregada pelos cidadãos que pertencem aos seguimentos mais favorecidos da nossa população (2003:51). Na primeira afirmação ele fala que ela é algo da maioria, resultada da comunicação entre os falantes, já no segundo plano ele informa que a norma culta é algo concreto, exato, legitimado regido pela população dominante, as pessoas, mais prestigiadas. Portanto entender-se de forma clara ou oculta; que a norma existe e todos sabem da importância dela para utilização da linguagem e da língua nas duas modalidades, a fala e escrita”.

BAGNO (2003) vê a necessidade de que haja uma gramática do português brasileiro, esta terá o objetivo de legitimar, a nossa forma de falar, com ela a nossa linguagem será mais valorizada, portanto ela trabalha com a forma culta de quem exatamente está falando e se comunicando “. Refletindo e analisando todas essas informações a fala é contra a gramática, venho com uma proposta de trabalho, exemplificar e promover de forma clara, objetiva e proveitosa ensinar a língua portuguesa juntamente com a gramática. Portanto é preciso saber como o ensino da gramática se estabelece no dia a dia do professor”.

Muitos professores mesmo sabendo, das novas concepções de ensino de gramática que deve ser de forma diferente, ainda continuam ensinando e trabalhando de forma tradicional. Sendo assim, BECHARA (2002) considera o ensino de gramática uma forma de qual o falante pode escolher sua maneira de exercitar a linguagem de maneira clara e funcional, ou seja, para ele, o ensino deve ser de forma liberta, e não de forma opressiva, legitimado pelos dominadores.

BECHARA afirma que a gramática:

“Resulta, portanto, da” liberdade “de escolha que oferece uma língua histórica considerando em sua plenitude”.

É uma língua “adquirida” cuja técnica histórica lhe cabe ser “ensinado”

Transformar essa língua funciona o modelo universal para todas as situações de expressão é um ato de opressão tanto quanto privilegiar a modalidade coloquial e familiar sobre todas as demais linguagens funcionais à disposição dos falantes.”(2002:17”.

Ao verificar essa informação entende-se que todos os falantes são submetidos a uma língua a qual é imposta e opressiva, ela não é estabelecida, de maneira simples, ela é regida por princípios que são definidos pela classe prestigiada culturalmente. Essa língua é igualitária e definida para que todos falem da mesma forma, ricos, pobres, aculturados e desaculturados, não respeitando assim as condições sociais aquisições de linguagem de cada falante.

Sugiram novas propostas de ensino de língua portuguesa e gramática em sala de aula, com o propósito de ajudar e trazer uma nova compreensão de ensino. Sabe-se que é importantíssimo que se trabalhe a língua portuguesa de uma forma clara, interdisciplinar usando a gramática como aparato, como auxiliadora e não como impostora. Portanto essa proposta é uma forma de um ensino facilitador que tenha resultado positivo, para que o professor leve a língua portuguesa de maneira proveitosa amistosa, a qual ele promova, na sala de aula, a comunicação, entre os alunos, a compreensão além do texto e finalmente, o objetivo maior promover a aprendizagem.

Assim, é interessante verificar como anda o ensino de língua portuguesa em especial, buscando agir de uma maneira interdisciplinar, onde todas as disciplinas andem de mãos dadas, e que os outros professores saibam a importância da língua em suas matérias. A interdisciplinaridade proporcionará o desenvolvimento do aluno na sala de aula, realizando o aprendizado nas aulas de português paralelo as outras disciplinas, pois a língua portuguesa favorece a interpretação dos assuntos das diversas matérias, como diria FAZENDA:

“O primeiro passo para aquisição conceitual interdisciplinar seria o abandono das posições acadêmicas prepotentes, unidirecionais e não rigorosas que fatalmente são restritivas, primitivas e “tocanhas” impeditivas de aberturas novas camisas-de-força que acabam por restringir alguns, tachando-os de menores”(1998:13)

É notável que toda essa afirmação faz os professores refletirem a respeito de como foi e está sendo o papel do docente na sala de aula e na escola. Sendo assim, a interdisciplinaridade

facilita o ensino-aprendizagem das várias matérias com o ensino do português de uma forma interdisciplinar, o resultado será totalmente positivo e gratificante, por isso é que se deve trabalhar o envolvimento das várias disciplinas, de uma forma nova. Tem que ser feito um trabalho voltado para promover a interação entre os alunos e professores contextualizando os assuntos à vida dos alunos junto às matérias; utilizando os conteúdos do português para ensinar história, geografia, ciências e etc. tudo isso deve ser trabalhado de uma forma bastante clara e objetiva em que o aluno seja parceiro do professor no ensino-aprendizagem.

Muitas são as maneiras de se educar (ensinar), partindo disso, percebe-se que muitos professores que são formados e tecnicamente capacitados ainda continuam ensinando conteúdo da mesma forma que aprenderam. Sendo assim é importante que as aulas sejam interdisciplinalizadas, nela os conteúdos serão trabalhados de forma não imposta, será de forma compreensiva, interativa e facilitadora., Por isso KLEIN in FAZENDA afirma:

“A interdisciplinaridade requer um equilíbrio entre amplitude, profundidade e síntese. A amplitude assegura uma longa base de conhecimento e informação. A profundidade assegura a seguinte disciplina, profissional e/ou conhecimento interdisciplinar para a tarefa ser executado. A síntese assegura processos integrados.”(1998:120).

Todo e qualquer professor precisa saber trabalhar dessa maneira desenvolvendo o ensino de forma clara amistosa, positiva e totalmente proveitosa. No português, o professor desenvolverá suas habilidades, comunicativa interativas, instrutiva, promovendo a utilização de textos, relacionados às várias matérias, aos vários conteúdos. Ele poderá usar como exemplo, um texto de história na aula de português, trabalhando tanto o contexto histórico como a parte interpretativa e também a parte gramatical, não esquecendo de mostrar a importância do ensino de história. Ele deverá utilizar livros e textos facilitadores do ensino da língua. Os alunos conseguirão compreender os conteúdos do português e das outras disciplinas facilmente, os professores darão uma visão máxima dos vários assuntos, eles facilitarão a aprendizagem de

forma não tradicional. O professor poderá usar filmes, livros (vários estilos) para dar suas aulas, integrando todos os conteúdos, e ainda poderá usar a música como incentivo.

Enfim, o professor promoverá um grande trabalho em sala de aula, mas para isso é importantíssimo que o docente se capacite e atualize seu conhecimento, fazendo cursos, lendo livros, artigos que tratem a respeito da interdisciplinaridade, assistam canais como tv escola, tv cultura, conversem com outros professores verificando e comentando sobre os problemas enfrentados por eles diariamente, e principalmente que ter a consciência de se educar de maneira correta.

É extremamente gratificante para ambos, alunos e professores introduza essa nova concepção de se ensinar e aprender. Assim todos os docentes estarão conscientes de que sua forma de educar favorece o desenvolvimento de alunos, tornando capazes de resolverem seus problemas; de se relacionarem com os outros a sua volta, tanto no lado afetivo como no lado profissional.

FAZENDA (1998) afirma que todos professores necessitam desenvolverem algumas competências no seu dia a dia, a primeira é a competência intuitiva que cada um a possui, a qual o professor busca desenvolver trabalhos novos, já na competência intelectual a qual ele tem a capacidade de refletir e transmitir essa capacidade para seus alunos, na competência prática a qual ele organiza o espaço e o tempo para dar suas aulas e por último a competência emocional a qual o docente deve estar totalmente consciente de sua importância, pois é ela que faz com que seja feita uma “leitura da alma”, é a competência que trabalha o autoconhecimento”(1998:15) .

Todas essas competências são maneiras didáticas interdisciplinares de se ensinar, e de educar os alunos, tanto no âmbito educacional e humano. São várias as formas pelas quais o professor necessita desenvolver e praticar no seu dia a dia, e a cada aula ministrada, para que o

ensino–aprendizagem se torne totalmente aceitável pelos alunos, familiares, e comunidade em geral.

É notável que a educação escolar vem passando por várias mudanças, que as pessoas começaram a perceber a importância de ensinar e aprender. Começaram a ver que o aluno é o ponto principal em sala de aula, que ele deve ser trabalhado, a fim de que se torne cidadão crítico e consciente das questões educacionais e sociais. Sabendo-se que o ensino deve ser de forma que ele aprenda e adquira os conteúdos curriculares, de forma clara e proveitosa, novas concepções e pensamentos que favorecem o ensino surgiram nos últimos anos.

Ao tratar de ensino em língua portuguesa, percebe-se que o problema é um pouco maior, pois é verdadeiro fato de que muitos professores continuam ensinando da mesma forma que aprenderam há muitos anos, impondo os assuntos, colocando a gramática como objeto principal em sala de aula, não contextualizando os conteúdos programáticos, somente exibindo-os de maneira que os alunos decorem, não aprendendo e nem sabendo a importância deles e o porquê de utilizarem essas regras. Transformando assim, em aulas cansativas e decorativas.

Observando todas essas afirmações e considerações a respeito do ensino de língua portuguesa, foi desenvolvida esta pesquisa que teve como objetivo maior conhecer como anda o ensino desta disciplina nos dias atuais. Nela foi mostrada como a gramática se constitui, como é classificada segundo alguns autores e foram mostrados os preconceitos a respeito da sua utilização, ao momento em que foi apresentada aos leitores e professores como deve ser utilizada em sala de aula.

Diante das diversas leituras feitas e analisadas, percebe-se que foi totalmente positivo o resultado desta pesquisa, pois ela fez com que fosse mostrada como anda ocorrendo o ensino desta disciplina de forma mais aprofundada, para que pudesse verificar e procurar uma forma de

se trabalhar a língua e a transmissão dos seus conteúdos de maneira interdisciplinar para que as disciplinas andem de mãos dadas.

Sendo assim, é percebido que esta forma de ensino é totalmente relevante, pois ela facilita e torna o ensino de língua portuguesa proveitoso, contextualizando a vida dos alunos juntos aos conteúdos.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **A Norma Oculta: Língua e Poder na Sociedade**. São Paulo: Parábola, 2003.

BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália: Novela sociolingüística**. 11 ed. São Paulo: Contexto, 2001.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Lingüístico**. 4 ed. São Paulo: Loyola, 1999.

BAGNO, Marcos. **Dramática da Língua Portuguesa**. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2001.

BECHARA, Evanildo. **Ensino de Gramática. Opressão? Liberdade?**. 11 ed. São Paulo: Ática, 2002.

NEVES, Maria Helena De Moura. **Que Gramática Ensinar na Escola?**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2004.

POSSENTI, Sírio. **Por Que (Não) Ensinar Gramática na Escola**. 2 ed. São Paulo: Mercado Letras, 1998.

REVISTA NOVA ESCOLA. Abril: 2004.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: Língua Portuguesa/ Secretaria de Educação fundamental e médio- Brasília, 1997.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática Ensino Plural**. São Paulo: Cortez, 2003.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e Interação: Uma Proposta para o ensino de gramática**. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2003.